



Nietzsche: A moral dos fracos e a superação pelo além-homem

Lucas Santos Barbosa¹

RESUMO: A obra *A Genealogia da Moral*, de Friedrich Nietzsche, é uma das grandiosas investigações filosóficas sobre a origem da moral. Nessa obra, Nietzsche critica fortemente os valores tradicionais que ele vê como derivados do ressentimento, um estado psicológico de ódio que aprisiona a pessoa numa condição de não-superação. Essa moral tradicional, associada aos “escravos” ou “fracos”, contrapõe-se à moral aristocrática, associada aos “senhores” ou “fortes”. Nietzsche sugere uma moral afirmativa e criadora representada pelo *Übermensch* (além-homem), um ideal de superação dos valores tradicionais e afirmação da vida que distancia do conformismo, da doença e do ressentimento.

PALAVRAS-CHAVE: Nietzsche. Ressentimento. Moral dos fracos. Moral dos senhores. *Übermensch*.

ABSTRACT: The *Genealogy of Morals*, by Friedrich Nietzsche, is one of the greatest philosophical investigations into the origin of morality. In this work, Nietzsche strongly criticizes the traditional values that he sees as derived from resentment, a psychological state of hatred that imprisons the person in a condition of non-overcoming. This traditional morality, associated with the “slaves” or the “weak,” stands in opposition to the aristocratic morality, associated with the “masters” or the “strong.” Nietzsche suggests an affirmative and creative morality represented by the *Übermensch* (beyond-man), an ideal of overcoming traditional values and affirming life, distancing itself from conformism, illness, and resentment.

KEYWORDS: Nietzsche. Resentment. Morality of the weak. Morality of the masters. *Übermensch*.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como finalidade analisar a origem da moral a partir do procedimento genealógico desenvolvido pelo filósofo Friedrich Nietzsche. A investigação tem o objetivo compreender como a moral dos fracos, marcada pelo ressentimento, surge em oposição à

¹ Graduando em Filosofia.

moral dos fortes, além de discutir a possibilidade de superação desse conflito por meio da figura do *Übermensch*² (além-homem).

1 VIDA E OBRA

Friedrich Wilhelm Nietzsche nasceu em 15 de outubro de 1844, em Röcken, no Reino da Prússia (atual Alemanha). Ele foi um dos filósofos mais influentes e polêmicos do século XIX. Seu pai, Karl Ludwig Nietzsche, e seus avós eram pastores luteranos, no entanto, quando Friedrich ainda era criança, seu pai veio a falecer. Ele foi educado principalmente por sua mãe e sua irmã. Desde cedo, tinha grande aptidão para os estudos, especialmente em literatura.

Aos 25 anos, Nietzsche foi nomeado professor de filologia clássica na Universidade de Basileia. Ao longo dos anos, começou a enfrentar sérios problemas de saúde que eventualmente o levaram a renunciar ao cargo em 1879. Mais tarde, a condição mental de Friedrich começou a piorar e, em 1900, o filósofo veio a falecer. Suas principais obras são *O Nascimento da Tragédia* (1872), *Humano, Demasiado Humano* (1878), *Além do Bem e do Mal* (1886) e *O Anticristo* (1895). Neste texto, aprofundaremos a discussão de duas de suas obras mais significativas, *A genealogia da Moral* (1887) e *Assim Falou Zaratustra* (1883-1885), em que Nietzsche faz sua crítica à moral tradicional e explora as raízes do ressentimento que se infiltra na sociedade ocidental.

2 O PROCEDIMENTO GENEALÓGICO DE NIETZSCHE

De modo geral, o termo genealogia deriva do grego *genea* + *logos*. *Genea* quer dizer origem, nascimento, enquanto *logos* significa conhecimento, pesquisa. Portanto, Nietzsche explora a origem da moralidade colocando-a em questão.

Nietzsche investiga a moralidade que predomina na sociedade ocidental usando o seu procedimento genealógico. Ele argumenta que há um problema na construção dos valores morais e culturais que ao longo do tempo foram se construindo. Nesta perspectiva, ao explorar a origem da moral, Nietzsche analisa conceitos como “bom e ruim” que ele reconhece como parte da moral dos senhores, e “bom e mau”, que surgem da moral dos escravos.

Na moral dos senhores, Nietzsche argumenta que os próprios senhores atribuíram para si mesmos o valor bom. Esta apropriação desse valor seria consequência da valorização das suas próprias virtudes, como força, poder e dominação. Ora, se os próprios “bons” atribuíram a si mesmos o valor bom, quem, então, estabeleceu o ruim? A esse respeito, Nietzsche nos diz: “Foram os mesmos ‘bons’, os homens distintos, os poderosos, os superiores que julgaram ‘boas’ as suas ações; isto é, ‘de primeira ordem’, estabelecendo esta nomenclatura por oposição a tudo quanto era baixo, mesquinho, vulgar e vilão” (NIETZSCHE, 2017, p. 37).

2 *Übermensch*: “O termo *Übermensch* é composto pelo prefixo *über* (sobre, por cima de) e o substantivo *Mensch* (homem). Em português, este termo é geralmente traduzido como ‘super-homem’ (ingl.: superman; fr.: surhomme; esp.: superhombre; it.: superuomo), embora seja possível também encontrar as variantes ‘sobrehumano’ ou ‘super-humano’”. Dicionário FMP.

Desta maneira, os senhores classificaram os escravos como ruins, pois a vida desses fracos não condiz com o estilo de vida dos fortes. Contudo, essa narrativa não terminou dessa maneira. Os escravos realizaram uma inversão de valores dizendo que os senhores, os bons, eram na verdade os maus, enquanto eles, os fracos que eram os verdadeiros bons. Essa troca dos valores, segundo Nietzsche, não ocorreu através da força, mas de um impulso reativo. Assim, ele afirma: “[...] a moral dos escravos necessitou sempre de um mundo oposto, exterior; necessitou, falando psicologicamente, de estimulantes externos para entrar em ação; a sua ação desde a profundidade é uma reação” (NIETZSCHE, 2017, p. 48).

Sendo assim, a moral dos escravos nasce da fraqueza, da doença e do ressentimento. Nietzsche demonstra como o ressentimento desses fracos contribuiu para a causa da inversão dos valores da nobreza, valorizando a humildade e a obediência, e desprezando a força, e a afirmação da vida, que eram exaltadas pelos senhores.

Nietzsche aprofunda ainda mais sua investigação ao examinar a casta sacerdotal, definindo os conceitos, “puro” e “impuro”. Para esses sacerdotes, aquilo que é considerado impuro é o que se associa à carne, ao corpo, enquanto a pureza está ligada à renúncia dos prazeres. Enquanto os senhores definem a moralidade com base na vitalidade, os sacerdotes, que são, de certo modo, “fracos” em relação aos fortes, introduzem uma nova forma de ressentimento. A moral sacerdotal, ao contrário dos senhores, se desenvolve a partir de um ódio profundo, não apenas em relação a força da nobreza, mas também à própria vida. Nietzsche afirma:

Os sacerdotes são os inimigos mais malignos; por quê? Por serem os mais impotentes. A impotência faz crescer neles um ódio monstruoso, sinistro, intelectual e venenoso. Os grandes odiadores, na história, foram sempre os sacerdotes, também os odiadores espirituais; e nada se pode comparar com o engenho que os sacerdotes desenvolvem na sua vingança (NIETZSCHE, 2017, p. 44).

Assim, o filósofo nos mostra como essa moral dos sacerdotes reforça a inversão de valores que favorece, cada vez mais, os fracos, levando à submissão e à culpa dos ressentidos.

Portanto, através dessa análise genealógica da moral, Nietzsche revela como os valores predominantes na sociedade ocidental contemporânea são frutos de uma inversão de valores que foi impulsionada pela moral dos escravos, marcada pelo ressentimento. Essa contraversão dos valores afirmadores da vida em virtudes como obediência, humildade e autonegação não só desafiou o poder dos senhores, mas também fortaleceu uma moral que condena o impulso vital e glorifica a fraqueza. A moral sacerdotal, ao associar o corpo e o prazer como impureza, reforçou ainda mais essa inversão, contribuindo para uma cultura que valoriza a culpa e a renúncia em detrimento da força e da afirmação da vida.

3 O RESSENTIMENTO

Nietzsche observa um fenômeno psicológico e central: o ressentimento. Para ele, o ressentimento não é apenas uma emoção passageira, mas sim um resultado de uma longa história de submissão vivida pelos fracos, aqueles aos quais se viam constantemente dominados. Assim ele diz: “A rebelião dos escravos na moral começou quando o ressentimento chegou a produzir valores, ressentimentos de tais criaturas a quem é negada a própria reação do fato que se mantêm incólumes somente por uma vingança imaginária” (NIETZSCHE, 2017, p.47).

Essas pessoas, historicamente, eram incapazes de expressar sua força ou de afirmar a vida tal como os senhores faziam. Nietzsche ainda afirma que “a moral dos escravos opõe um ‘não’ a tudo o que não lhe é próprio, que lhe é exterior, que não é seu; este ‘não’ é o seu ato criador” (NIETZSCHE, 2017, p. 47).

Convém lembrar que Nietzsche chama de moral dos escravos a essa moral que surge como uma resposta reativa à moral dos senhores. Pois os fracos, incapazes de confrontar os senhores em igualdade, invertem os valores e fazem do ressentimento a base de sua moral. Eles passam a considerar como bom tudo o que é bondoso, humilde e obediente e, por outro lado, consideram como mau tudo o que antes era visto como nobre. Esse processo de inversão não é simplesmente uma forma de estratégia para os fracos se defenderem, mas uma forma de vingança silenciosa contra os fortes.

Os sacerdotes ascéticos, por outro lado, também contribuíram para o fortalecimento do ressentimento. Assim Nietzsche argumenta que “no sacerdote tudo se torna mais perigoso, [...] o orgulho, a vingança, a perspicácia, o amor, a ambição, a vontade de reinar, a virtude e a doença” (NIETZSCHE, 2017, p. 43). Com base nessa análise, pode-se notar que para o filósofo os sacerdotes são perigosos porque as suas crenças são estruturadas como a forma da moral escrava e, com isso, eles começam a justificar sua impotência criando uma moralidade que glorifica as qualidades dos dominados e condena as virtudes dos dominadores. E Nietzsche ainda continua dizendo:

Só um povo de sacerdote, um povo de vingança retraída, podia obrar assim. [...] E com o encarniçamento do ódio da impotência, afirmaram: “Só os desgraçados são bons; os pobres, os impotentes, os pequenos são os bons; os que sofrem, os necessitados, os enfermos são os piedosos, são os benditos de Deus; só a eles pertencerá a bem-aventurança; pelo contrário. Vós, que sois nobres e poderosos, sereis por toda a eternidade os maus, os cruéis, os cobiçosos, os insaciáveis, os ímpios, os réprobos, os malditos, os condenados” (NIETZSCHE, 2017, p. 44).

Dessa forma, Nietzsche nos mostra que com a intervenção dos sacerdotes, o ressentimento se intensifica, pois eles transformam esse ódio oculto em espécie de santidade moral.

Ao justificarem a sua fraqueza como uma virtude santa, eles condenam tudo aquilo que é vitalidade e poder, fortalecendo a supremacia dos fracos sobre os fortes. Nietzsche, portanto, nos alerta que isso é um risco, pois, em vez de nos libertar, nos aprisiona em uma negação da vida e da potência do ser humano.

3 A SUPERAÇÃO

A proposta de Nietzsche não é simplesmente uma crítica à moral dos fracos ou à moral sacerdotal, mas é também um convite para a superação dessa estrutura de valores pelo ideal do além-homem (*Übermensch*). Segundo Nietzsche, o além-homem representa um novo tipo de ser humano, que transcende os valores tradicionais e cria os seus próprios valores com base na afirmação da vida. Esse conceito, central em sua obra *Assim Falou Zaratustra*, representa o grau mais elevado de uma vida que não deixa se levar pelo ressentimento, mas que é capaz de dizer “Sim” à vida, mesmo com toda a sua complexidade.

Nietzsche rejeita tanto a moral dos senhores quanto a dos escravos como estruturas definitivas, propondo, assim, o além-homem como aquele que supera essa dicotomia, moral. O além-homem é aquele que afirma o mundo tal como ele é, sem ressentimentos e sem negações. Zaratustra afirma:

A criança é inocência, esquecimento, um recomeço, um brinquedo, uma roda que gira por si própria, movimentando primeiro, uma santa afirmação. Sim, para o jogo da criação, meus irmãos, é preciso uma santa afirmação. O espírito quer agora sua própria vontade. Tendo perdido o próprio mundo, quer conquistar seu mundo (NIETZSCHE, 2008, p. 39).

Aqui, usando o modo de ser de uma criança, o homem é visto como um ser em transformação, designado a superar seus limites e criar novos valores.

Ademais, para Nietzsche, a afirmação da vida é expressa pela ideia do “eterno retorno”³, que desafia o indivíduo a viver como se cada momento de sua vida fosse se repetir de forma infinita. Essa interpretação exige muita coragem, pois somente aqueles que se entrega totalmente à vida, sem arrependimentos ou ressentimentos, podem dizer “Sim” ao eterno retorno.

Assim, para que a superação aconteça, é necessário um rompimento com a mágoa e a culpa que sustentam a moral dos escravos. E para que isso aconteça Nietzsche nos exorta:

3 Eterno Retorno: “Eternidade Temporal versus Eternidade Atemporal. O maior representante da segunda tese, já sabemos, é Platão que pensa a eternidade fora da existência, no mundo das Ideias, mas existem inúmeros outros que seguiram sua filosofia: Aristóteles, com o Motor Imóvel; Plotino, negando a eternidade para a natureza sensível; Santo Agostinho, trazendo o platonismo para o cristianismo e pensando um Deus eterno e atemporal criador de tudo a partir do nada; São Tomás de Aquino; passando por Descartes entre outros... até chegarmos em Kant e à modernidade. Nietzsche retorna a Heráclito para pensar o mundo como fogo eterno que se consome e se recria, mas sempre aqui, neste mundo. Sua pergunta inicial é simples: ‘Você viveria sua vida mais uma vez e outra, e assim eternamente?’”. Razão Inadequada.

“Eu vos anuncio o super-homem. O homem existe para ser superado. Que fizestes para o superar?” (NIETZSCHE, 2008, p. 22). Dessa forma, Nietzsche desafia o ser humano a se tornar algo maior do que é, transcendendo tanto a fraqueza quanto a culpa que o prendem no ressentimento.

CONCLUSÃO

A investigação de Nietzsche sobre a moral não é apenas uma crítica ao passado, mas uma visão para o futuro. A moral dos fracos e a moral sacerdotal, fundamentadas no ressentimento e na negação, devem ser superadas pelo ideal do *além-homem*, que é afirmativo, criador e vital. Este ideal convida o ser humano a abraçar a vida em toda a sua plenitude, rejeitando a submissão à culpa e ao ressentimento.

Sendo assim, ao propor o *além-homem*, Nietzsche não apenas critica os valores tradicionais, mas oferece uma alternativa à altura do desafio de viver uma vida plena e criativa. Ele nos convoca a nos tornarmos criadores de nossos próprios valores, a dizer “Sim” à vida e a transcender os limites que nos foram impostos pela moral do passado.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

Eterno Retorno. *Razão Inadequada*, s.d. disponível em: <https://razaoinadequada.com/filosofos/nietzsche/eterno-retorno/>. Acesso em: 09 jan. 2025.

NIETZSCHE, Friedrich. *A genealogia da moral*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. 3. ed. São Paulo: Editora Escala, 2008.

Übermensch. Dicionário de Filosofia Moral e Política (FMP), 2019. Disponível em: <https://www.dicionariofmp-ifilnova.pt/ubermensch/>. Acesso em: 21 set. 2024.

Texto enviado em 10/02/2025 e aprovado em 09/07/2025.

Lucas Santos Barbosa: Graduando em Filosofia na FAJE. Pesquisa realizada no Programa de Iniciação Científica, como bolsista da FAJE, no período de 19/09/2023 a 06/11/2024, com a orientação do Professor Dr. Adilson Feiler, incluído no projeto “Má consciência e Ressentimento: Nietzsche e o projeto de uma cultura aristocrata, para além de um radicalismo fundamentalista. Um diálogo com Georg Brandes e Hegel”. Email: lsantosbarbosa85@gmail.com

Endereço: Rua Capitão Leonídio Soares, 751, bairro: Planalto, Belo Horizonte – MG. CEP: 31.720-590

Orcid: 0009-0003-9944-3855

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Dr. Adilson Felício Feiler, Dra. Marília Murta de Almeida